

A DECLAMAÇÃO LÍRICA DE BASÍLIO DA GAMA: UM INÉDITO RECUPERADO

*Para o Doutor Jorge Osório,
(meu) Professor, Director, Colega e Investigador exemplar*

Em trabalho recente, Vânia Pinheiro Chaves¹ chamou a atenção para as obras desaparecidas do brasileiro José Basílio da Gama (1741-1795), uma situação aliás relativamente comum no panorama literário da época – mesmo entre os poetas maiores – e que parece ter atingido com particular acuidade os poetas originários do Brasil. Fazendo a distinção entre o grupo vago das obras que, segundo uma tradição mais ou menos lendária, teriam sido destruídas depois da morte do poeta e os textos de que há referência concreta em documentos sensivelmente contemporâneos, a investigadora refere-se a uma «Declamação Lírica» que teria sido proibida pela Mesa Censória, sugerindo que «deveria ser um seguimento da sua *Declamação trágica*».

Embora Vânia Chaves não o especifique, pude verificar que o documento que transmite essa informação é o Códice 8582 da Biblioteca Nacional de Lisboa, em cuja p. 148 vem transcrito um soneto atribuído a Basílio começado pelo verso «Lerei no meu Camões como até gora». Em nota ao v. 12 (“Tornás-te a declamar, foste proibido”), informa o compilador: «Outra Declamação lírica, que não deixou correr a Meza Censória». Foi justamente esta obra que, embora anónima, tive recentemente oportunidade de encontrar numa miscelânea manuscrita da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

¹ *O Despertar do Gênio Brasileiro – Uma leitura de O Uruguai de José Basílio da Gama*, Campinas, Editora da Unicamp, 2000, p. 30.

Intitulado «A Declamação / Lyrica. / imitação livre de Mr. Dorat. / á S. L. ***/ Lisboa. / 1773», o poema vem no Ms. 330 dessa biblioteca, ocupando os f. 179r-184v. Apesar da anonimia, creio que a informação anteriormente citada não deixa dúvidas quanto à identificação do autor, tanto mais que, como sugerira Vânia Chaves, também se trata de uma “imitação livre” – ou tradução livre, ou paráfrase – de um texto pouco citado na literatura em língua portuguesa da época: *La Déclamation Théâtrale*, de Claude-Joseph Dorat, um tratado em verso publicado entre 1758 e 1767. De facto, Basílio da Gama tinha dado à estampa no ano anterior, em 1772, *A Declamação Trágica. Poema dedicado às Belas Artes*², que – apesar de o autor o não declarar – é também uma tradução livre dessa obra, como aliás os poucos especialistas que abordaram o tema já tinham notado. Acresce ainda que é bastante provável que Basílio da Gama tenha feito outras incursões pelo teatro: Vânia Chaves admite a hipótese de ele ter traduzido *A Dama dos Encantos*, de Goldoni, e o *Tartufe*, de Molière, e recorda que Varnhagen já havia afirmado que Basílio traduzira peças de Goldoni e Metastasio.

Um outro elemento que comprova este interesse do autor brasileiro pelo teatro é uma «Epístola a Jozé Bazilio da Gama sobre a utilidade de hum Theatro em Coimbra», que figura em duas miscelâneas manuscritas: o Ms. 542 do Fundo Manizola da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora, em que vem anónima, e um manuscrito que pertence à biblioteca particular do Dr. José Mindlin, de São Paulo, em que o texto é atribuído a “J.C.D.M.”. Tecendo considerações sobre a importância e o interesse do teatro, o autor rebate os argumentos contrários ao estabelecimento de um teatro em Coimbra, solicitando o apoio do criador de *O Uruguai* a essa iniciativa: «Os meios me descobre, o modo me insinua, / Com que possa, ajudando a santa intenção tua, / Fazer que no Mondego, como no Douro e Tejo, / Se honre e preze o Teatro, que é todo o meu desejo» (v. 9-14).

Este conjunto de elementos, mais do que tornar praticamente irrefutável a atribuição a Basílio da Gama do texto em causa, chama a atenção para um aspecto ainda mal esclarecido da obra basiliense: a sua relação com o teatro. O objectivo deste artigo não é contudo a abordagem global dessa problemática. Limitar-me-ei à apresentação e edição do inédito agora recuperado, notando de passagem a *liberdade* da tradução.

Começo pois por uma breve nota sobre o autor do texto *imitado*, Claude-Joseph Dorat. Nascido em Paris, a 31 de Dezembro de 1734, Dorat cultivou quase

² Lisboa, Regia Officina Typografica.

todos os géneros, alcançando certa notoriedade com alguns dos seus textos, como a heróide *Abélard à Héloïse* (1758) ou os romances epistolares *Les Sacrifices de l'Amour* (1771) e *Malheurs de l'Inconstance* (1772). No domínio do teatro, escreveu tragédias como *Régulus* (1765), *Théagène* (1766), *Les Deux Reines* (1770) e *Pierre Le Grand* (1779), e comédias como *Le Célibataire* (1776), *Le Malheureux Imaginaire* (1777), *Les Prôneurs ou Le Tartuffe Littéraire* (1777). Sobre as artes do palco, publicou, como fica dito, o tratado em verso *La Déclamation Théâtrale* (1758-1767). Viria a falecer, em Paris, a 29 de Abril de 1780.

Passando agora à comparação do poema de Basílio da Gama com o original de Dorat, importa começar por dizer que o ponto de partida foi o canto III, intitulado “L’Opéra”, que não foi contudo aproveitado na sua totalidade, como o comprova desde logo o facto de o primeiro ter 186 versos e o segundo 512. De forma mais específica, é possível notar a seguinte correspondência – aliás bastante livre – entre os dois textos:

- 1-27 (Basílio) / 1-26 (Dorat);
- 28-44 / 29-48;
- 45-92 / 51-98;
- 93-96 / 101-104;
- 97-118 / 107-128;
- 119-120 / 131-132;
- 121-126 / 135-140;
- 127-136 / 143-152;
- 137-144 / 221-228;
- 145-150 / 173-178;
- 157-186 / 383-412.

Os v. 151-156 do poema de Basílio da Gama são os únicos que não encontram correspondência no original. Esta passagem inovadora parece ser dirigida a uma cantora lírica da época, designada como “Adriática Sereia” e como “Alcina bela”. A primeira expressão obriga-nos a colocar a hipótese de o poeta brasileiro se dirigir à veneziana Anna Zamperini, que esteve em Lisboa entre 1770 e 1774. À partida, trata-se de uma possibilidade remota: é sabido que Basílio da Gama participou na fase da Guerra dos Poetas conhecida por Zamperineida³, atacando de modo

³ As composições atribuídas a Basílio da Gama estão publicadas no trabalho de Alberto Pimentel: *Zamperineida — Segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 1917. São elas: a sátira «Que alegre era o Entrudo em outros tempos» (p. 177-184); a paródia a uma passagem do canto IV de *Os Lusíadas*, começada pelo verso «Mas uma velho de aspecto vencrando» (p. 208-215); e a décima «Conheceu não muito cêdo» (p. 216).

contundente o principal panegirista da cantora italiana, o também brasileiro P.^e Manuel de Macedo. Observe-se contudo, em primeiro lugar, que não há certeza autoral sobre alguns desses poemas atribuídos ao mineiro. Note-se, por outro lado, que os ataques são mais dirigidos contra Macedo – e também Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral – do que propriamente contra Zamperini. Um último argumento reside na circunstância de, tanto quanto pude apurar, não ter passado, em 1773, por Lisboa outra cantora lírica a quem pudesse ser dirigida a passagem em questão.

Concluindo o confronto entre os poemas de Basílio e de Dorat, importa indicar os versos não aproveitados pelo autor brasileiro: 27-28; 49-50; 99-100; 105-106; 129-130; 131-134; 141-142; 153-172; 179-220; 229-382; 412-512. Contra o que uma leitura imediata destes dados poderia sugerir, o facto de Basílio da Gama ter deixado de lado cerca de 63% do texto de Dorat não comprometeu a “fidelidade” da sua tradução. Foram mantidas as bases essenciais do ideário do poeta francês: o enaltecimento da música e da harmonia; a importância de o actor (atriz) ter certos atributos e de estes estarem em conformidade com a personagem que interpreta; as considerações sobre a arte da interpretação; a defesa da melodia como “alma do Universo” que tem o poder de tornar a vida mais agradável. O confronto verso a verso entre os dois poemas conduz a conclusões semelhantes: afastando-se – com frequência claramente – do original, Basílio da Gama conserva o essencial do seu modelo. Parte deste afastamento decorre aliás de opções métricas: os alexandrinos de Dorat aparecem traduzidos em decassílabos, diferentemente do que acontecera, no ano anterior, com a *Declamação Tragica*, em que o autor de *Quitúbia* fizera um dos primeiros (senão o primeiro) ensaios de utilização do alexandrino na poesia portuguesa, combinando o alexandrino francês com o alexandrino espanhol, como já foi notado por vários comentadores⁴.

Feita esta breve apresentação, editarei de seguida o poema inédito de Basílio da Gama, de acordo com as normas que tenho vindo a seguir para textos deste período⁵. Seguir-se-á a reprodução integral do poema de Dorat, na versão de 1766⁶. Por último virá uma apresentação comparativa das partes coincidentes dos dois textos.

⁴ Cfr. HOLANDA, Sérgio Buarque de — *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 500-503 e COUTINHO, Afrânio (dir.) e COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir.) — *A Literatura no Brasil – Volume 2 – Parte II: Estilos de Época – Era barroca / Era neoclássica*, 4.^a ed., revista e atualizada, São Paulo, Global, 1997, p. 267.

⁵ Ver, por exemplo, *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Brasileiro Francisco José de Sales*, Porto, Edição do Autor, 2001, p. 43-51.

1. *A Declamação Lírica*, de Basílio da Gama

Testemunho manuscrito: BCUC, Ms. 330, f. 179r-184v (an.)

A Declamação Lírica

Imitação livre de Mr. Dorat

À S. L. ***

Lisboa

1773

Desce dos Céus, ó sábia Polimnia,
Vem abrir-me os tesoiros da Harmonia.
Ouve as músicas aves, que me ajudam
E sua Deusa em coro te saúdam.
5 Mais suave se queixa a fonte pura,
Mais brandamente o Zéfiro murmura.
Lembram-se as flautas do que foram dantes¹
E falam entre os dedos dos amantes.
O arbusto geme, a gruta o eco entoa.
10 Vai fugindo a palavra e ao longe soa.
No honesto d'alma encantador recreio,
A música dos Céus ouvir eu creio.
A mesma Terra canta, o ar responde.
Vão as Estrelas, sem saber por onde,

¹ *Metamorfoses*, Livro III

Nt. I. Há seguramente erro ou gralha no original manuscrito. A comparação com o texto de Dorat mostra que a passagem em causa se refere a Sírinx, episódio que é narrado por Mercúrio no livro I das *Metamorfoses*, de Ovídio, vv. 689-713. Sírinx era uma ninfa arcádica, amada por Pã. Perseguida pelo deus e prestes a ser alcançada, nas margens do rio Ládón, transformou-se numa corça. Pã, pensando agarrá-la, abraçou apenas canas. Como essas canas, agitadas pelo vento, produziam um som semelhante à sua voz plangente, Pã cortou algumas de tamanho diferente, uniu-as com cera e formou o instrumento que leva o nome desta sua amada.

15 E arrebatadas por ocultas rodas,
Não se encontram jamais, girando todas.
Parece oposição e é simpatia;
Nenhuma parte da outra se desvia.
Rege o grande concerto o teu estudo,
20 Bem digno do imortal Autor de tudo.

Digna-te de habitar os mortais peitos,
Vem dar à melodia os seus preceitos.
Orna a Lírica cena de figuras,
Descobre as suas mágicas pinturas.
25 Ensina como põe o Canto em calma
Pelos ouvidos as potências da alma.
Guia, que eu já te sigo; e o verso ordena.

Ó tu que aspiras a calcar a cena,
Foge, se não tens oiro nos cabelos,
30 Branca mão, linda boca e olhos belos.
Deusas povoam o lugar que pisas.
Daqui escolhe o Amor Sacerdotisas.
Louvará minha Musa lisonjeira
Quem a Vénus empresta a cor trigueira
35 E num carro por cisnes no ar erguido
Vai assustar o habitador de Gnido,
Buscando pelas sombras do arvoredo
Amor, que ao ver a Mãe, fugiu de medo?

Não veja eu nunca Flora sem que veja
40 Que Zéfiro me faz morrer de inveja.
A boca, rindo, seja mais formosa
Do que esses que ela traz botões de rosa.
E seja a Aurora, para ser amada,
Mais bela do que a bela madrugada.

45 Seja o modo de andar, seja a estatura
Própria daquele de quem sois figura.
Alto Colosso, tu, por mais que faças,
Nunca podes fingir uma das Graças;
Nem Palas fingir pode uma criança.

50 A Palas não lhe basta o escudo e a lança.
Não diz o orgulho, que essas faces cora,
Com a simplicidade de Pastora.

Dai, com o tom que for mais oportuno,
A Diana rigor, cólera a Juno.

55 A cena com espíritos guerreiros
Ressuscita os antigos Cavaleiros,
Fantásticos Heróis, loucos errantes;
Se os quereis imitar, sede Gigantes.
Amadis dessa idade é muito cedo;
60 Eu quero um Amadis que faça medo.

Quando volta as raízes para o vento,
Aos Carvalhos do bosque ornamento,
Orlando, na figura e na grandeza,
Orne a Arte c'os dons da Natureza.
65 Pois, se não corresponde à nossa ideia
Nem finge, nem engana, nem recreia,
Busco Orlando, e em lugar de Orlando eu acho
Um Herói meio Herói, meio penacho,
Que apenas pode, quando o siso perde,
70 Arrancar papelões tintos de verde.
Em vão se cobre de elmo e de coiraça.
Rio-me do Pigmeu que me ameaça.

Só a Reção encanta e persuade.
Quer-se no fingimento ar de verdade.

75 Conforme o tom da voz, ensine a Arte
Se deveis ser Adónis ou ser Marte.
Um metal de voz doce é importuno
Na boca de Tritão ou de Neptuno.
Assim cantam no bosque as Divindades;
80 Fala-se noutro tom às Tempestades.
Tapam co'as mãos os Ventos os ouvidos
E não se hão-de enfrear com sustentidos.
Jove, que o claro Olimpo senhoreia,

85 Se veria insultado da plateia
Se viesse de nuvens rodeado
Intimar em falsete ordens do Fado.

90 Porém não basta a voz nem a figura
Para aperfeiçoar[d]es a impostura,
Se falta das acções a propriedade
Que transforma a ilusão em realidade.
Mui rijo aquele braço vai girando.
Deve ser este músculo mais brando.
Merece estudo vagaroso e lento
Cada postura, cada movimento.

95 A Natureza ornada é mais amena.
Aprende a desenhar-te sobre a cena.

100 A ilustre Arte de Apeles, muda escola,
Todos os seus tesoiros desenrola;
E nos mostra os semblantes e a figura
Dos Heróis que revivem na pintura.

105 Observa que paixão nesta pessoa
Que fere a terra e os Céus amaldiçoa!
Vê um que rodeado de desgosto
Banha com tristes lágrimas o rosto.
Aquele ama ofendido e agrava e adora.
Foi Pai e não é Pai, este que chora.
Olha, bem que se vê que a ira encobre,
A cólera de Aquiles quanto é nobre!
Ah, quanto tem no rosto de violento!
110 Cada fibra lhe exprime um sentimento.
Vê Marte, que parece que respira;
Vénus lhe infunde amor, lhe despe a ira;
Dos braços de alabastro busca o enleio.
Lânguido o rosto no nevado seio

97. Apeles — Pintor natural de Colophon, na Lídia, que viveu na segunda metade do século IV a.C. Embora as suas obras sejam apenas conhecidas através de referências e de descrições, é tido como o maior pintor da Antiguidade.

115 Cuida que extingue a chama e mais a acende.
Da amada boca a sua boca pende;
E os ternos olhos no inflamado rosto
Estão nadando em lágrimas de gosto.

120 Consulta de Rubens a mão e a tinta.
Mais agrada o Actor que melhor pinta.

Quando o famoso Músico exercia
O poder soberano da Harmonia
E ao som das cordas de oiro que tocava
O génio de Alexandre dominava,
125 Fazendo que se lesse no seu rosto
Ou vingança, ou amor, ou mágoa, ou gosto,
De ardor contra Persépolis o enchia
Ou no seio de Taís o entorpecia,
O Orfeu, ora suave, ora violento,
130 Não ajudava o mágico instrumento?

Os olhos do Cantor, cheios de espanto,
Pintavam as paixões melhor que o canto.
A agitação era a de quem delira.
O gesto acompanhava o som da Lira.
E a acção, que a tudo o mais levava a palma,
Comunicava à voz o fogo da alma.

Tu, que a varinha mágica sacodes,
Se não tens mais do que ternura, podes
Co'a irada mão cobrir de luto os ares,
140 Deter a Lua e inchar o seios aos mares?
Baixar sem susto às tenebrosas casas
E pôr o freio aos teus dragões com asas?
Quer-se raiva e furor, não rosto terno;
Quer-se valor para invocar o inferno.

127. Persépolis – Capital do império persa aquemenita, foi construída por Dario I em 520 a.C..
Viria a ser destruída por Alexandre Magno em 351 a.C.

128. Taís – Cortesã ateniense, amante de Alexandre, terá sido a responsável pela destruição de
Persépolis e, sobretudo, pelo incêndio do seu palácio, apresentando essas acções como uma
vingança justa pelo incêndio de Atenas no século V conduzido por Xerxes.

145 Nosso gosto soberbo e delicado
 Já não sofre o comprido recitado
 Que sobre a cena, como no seu trono,
 Parece um hino consagrado ao sono.

 O recitado, a que a razão perdoa,
150 Deve voar como a palavra voa.

 Mas não é justo que os meus versos leia
 Quem te ouviu, Adriática Sereia.
 Musas, vinde aprender de Alcina bela.
 Correi a ouvi-la e ponde os olhos nela.
155 Antes de vê-la, eu mesmo não sabia
 O mágico poder da Melodia.

 Ó Melodia, ó alma do Universo,
 Com a tua doçura orna o meu verso.
 Tu dominas na Terra e nas estrelas,
160 Reténs o ar mas flutuantes velas.
 Tu amansas os mudos nadadores;
 Fazes sonora a habitação das flores.
 O Orfeu do bosque, ao resplendor da Lua,
 Dobra a sua cantiga em honra tua;
165 E sozinho, nas noites mais serenas
 Gosta de modular as suas penas.
 De bárbaras regiões sem Leis nem Numes
 Tu abrandas os ásperos costumes.
 Nas grutas onde habita o horror e o espanto,
170 O eco mais tosco sabe o som do canto.
 Se a canora trombeta à guerra o chama,
 Ergue a cabeça e a clina ao ar derrama,
 Rincha, espuma o belígero ginete;
 E mais leve que os ventos arremete.
175 Contigo a nossa mágoa é mais serena;
 Tomas doce o trabalho e leve a pena.
 Que fazem tantos, ao seu fado presos,
 Que o Céu condena a tolerar desprezos?
 O Segador, que o Sol queima e devora,
180 O Pastor, que amanhece antes da Aurora,

O cativo, que arrasta os grilhões de aço,
O Ferreiro, abaixando e erguendo o braço,
O Marinheiro junto à praia infida,
O humilde escravo sepultado em vida,
185 O Mendigo embrulhado em roto manto,
Enganam o seu mal c' o doce canto.

2. O poema original de Claude Joseph Dorat

La Déclamation Théâtrale, Poème didactique en trois chants, précédé d'un discours, Paris, Imprimerie de Sébastien Jorry, MDCCLXVI, p. 101-128

L'Opéra

Chant Troisième

Descends, viens m'inspirer savante Polymnie,
Viens m'ouvrir les trésors de l'auguste harmonie.
Tu m'exauces: déjà tous les Chantres des bois,
Te saluant en chœur, accompagnent ma voix.
5 L'Onde de ces ruisseaux plus doucement murmure:
Zéphir plus mollement frémit sous la verdure.
Les Roseaux de Syrinx, changés en Instrument,
Vont moduler des airs sous les doigts d'un Amant.
Cet arbuste est plaintif, cette grotte sonore:
10 La parole n'est plus, et retentit encore.
Dans le calme enchanteur d'un loisir studieux,
Ô Déesse, j'entends la Musique des Cieux,
La Terre a ses accens, et les airs lui répondent:
Les Astres dans leur cours jamais ne se confondent.
15 Les Mondes, entraînés par leurs ressorts secrets,
Toujours en mouvement, ne se heurtent jamais.
Paroissant opposés, ils ont leur sympathie:
Dans l'accord général, chacun a sa partie;
Et les Etres entr'eux, par ton art créateur,
20 Forment un grand concert, digne de leur Auteur.

Mais daigne enfin, quittant cette sphère hardie,
Assigner des leçons à notre mélodie.
De la Scène lyrique, objet de mes travaux,
Étale à mes regards les magiques tableaux.
25 Dis-moi par quels secours, le chant plein de ta flâme,
Peut s'ouvrir par l'oreille un chemin jusqu'à l'ame;
Ce qu'il doit emprunter, pour accroître son feu,
De l'esprit, de la force, et des graces du jeu.

Vous qui sur ce Théâtre oserez vous produire,
30 Reçutes-vous des traits assortis pour séduire?
N'allez point, sur la Scène usurpant un Autel,
Y faire huer un Dieu sous les traits d'un Mortel.
Le monde où vous entrez est peuplé de Déesses:
L'Amour, en folâtrant, y choisit ses Prêtresses.
35 Avec des traits flétris, un teint jaune et plombé,
Pourrez-vous, sans rougir, prendre le nom d'Hébé?
D'un œil indifférent verrai-je une mulâtre
Appliquer à Vénus sa couleur olivâtre;
Dans un char transparent, par des Cignes traîné,
40 Fendre les airs, aux yeux de Paphos étonné;
Et rappeler en vain cet enfant volontaire,
Qui s'est allé cacher à l'aspect de sa mère?
Que Flore, à mes regards n'ose jamais s'offrir,
Sans me faire envier le bonheur de Zéphir:
45 Sa bouche, au doux souris, doit être aussi vermeille,
Que les boutons de rose, épars dans sa corbeille.
L'Amante de Titon, pour fixer nos amours,
Doit avoir la fraîcheur du matin des beaux jours;
Et, sous les pampres verts dont Bacchus se couronne,
50 Le plaisir doit briller dans les yeux d'Érigone.

Que la taille et le port soient toujours adaptés
Aux rôles différens que vous représentez.
Des Colosses hautains, dont l'Amour fuit les traces
Pourront-ils badiner sous le corset des Graces?
55 La Naine pourra-t-elle, avec l'air enfantin,
Me retracer Pallas, une lance à la main;
Et l'orgueil menaçant d'une Reine en colère
Convindra-t-il au front d'une simple Bergère?

60 Sachez, quand il le faut, varier votre ton
Sévère dans Diane, emporté dans Junon.

Vous surtout qui voulez, dans vos fureurs lyriques,
Ressusciter pour nous ces Paladins antiques,
Tous ces illustres fous, ces Héros fabuleux;
Soyez, à nos regards, gigantesques comme eux.
65 C'est peu de m'étaler une jeunesse aimable,
Je hais un Amadis, s'il n'est point formidable.
Quand Roland déracine en ses fougueux accès,
Ces chênes orgueilleux, ornemens des forêts,
Je veux que, déployant une haute stature,
70 Il enrichisse l'art des dons de la Nature:
S'il n'en impose point à l'œil du Spectateur,
Si je ne confonds point le modèle et l'Acteur,
D'un tableau sans effet bientôt je me détache;
Je ne vois qu'un enfant, caché sous un panache:
75 Et dont le foible bras, jouant de l'esponçon,
Renverse, avec fracas, des arbres de carton.
En vain son œil menace, et sa main est armée;
Je cherche le Héros, et je ris du Pygmée.

80 Par la seule raison mon esprit enchanté,
Cherche dans le prestige un air de vérité.

Pour nous rendre les traits d'Adonis ou d'Alcide,
Le genre de vos voix peut vous servir de guide.
Des sons frêles et doux seroient choquans et faux,
Dans la bouche du Dieu qui régné sur les flots.
85 Ces organes sont faits pour briller dans des fêtes.
C'est d'un ton foudroyant que l'on parle aux tempêtes.
Quand les vents déchainés mugissent une fois,
Ils ne s'apaisent point avec des ports de voix;
Et Jupiter lui-même, armé de son tonnerre,
90 Se verroit, dans sa gloire, insulté du Parterre,
S'il venoit, s'annonçant par un timbre argentin,
Prononcer en fausset les arrêts du destin.

95 Mais c'est peu de la voix, c'est peu de la figure,
Si vous ignorez l'art d'achever l'imposture;
De parer ces présents, d'y joindre l'action,
Et cette vérité, d'où nait l'illusion.
Dans ce ressort trop dur mettez plus de mollesse:
Ces muscles trop tendus ont besoin de souplesse;
La grace et la beauté d'un Athlète vainqueur
100 Sont dans l'usage adroit de sa mâle vigueur.
Faites-vous, il le faut, une secrète étude,
De chaque mouvement et de chaque attitude.
Instruits par la Nature, apprenez à l'orner.
Sur le Théâtre enfin sachez vous dessiner.

105 C'est par là que Chassé regna sur votre Scène,
Et partage le trône, où s'assied Melpomène.

Prête à favoriser vos utiles efforts,
La Peinture a pour vous déroulé ses trésors.
Des grands Maîtres de l'art consultez les ouvrages:
110 Voyez-y nos Héros vivre dans leurs images.

L'un, pâissant de rage, arrachant ses cheveux,
Semble frapper la terre, et maudire les Cieux:
L'autre, plus recueilli dans ses sombres allarmes,
De son œil consterné laisse tomber des larmes.
115 Ici, c'est un Amant, vengeant ses feux trahis:
Là, c'est un Père en pleurs, qui reclame son fils.
Dans sa noble fureur, voyez comment Achille
Est fier et menaçant, quoiqu'il reste immobile:
Quelle ame dans ce calme, et quel emportement!
120 Chaque fibre, à mes yeux, exprime un sentiment.
Mars auprès de Vénus cherche en vain son audace:
La Fureur disparoît, et l'Amour la remplace.
Entre des bras d'albâtre, à tout moment, pressé,
Sur le sein qu'il caresse il languit renversé;
125 Son regard est brûlant, son ame est éperdue:
Aux lèvres de Cypris sa bouche est suspendue;
Et de son œil guerrier, où brillent les desirs,
Coulent ces pleurs si doux, que l'on doit aux plaisirs.

130 Du charme des couleurs qui pourroit se défendre?
Séduite par les yeux, l'oreille croit entendre.
C'est, quand l'Acteur peint bien, que nous l'applaudissons.
Raphaël et Rubens vous traçoient des leçons;
Et les fruits de leur art, vrai dans son imposture,
Sont des vols que leurs mains ont faits à la Nature.

135 Lorsqu'un Chantre fameux, une lyre à la main,
Déploit des accords le pouvoir souverain,
Et, par une harmonie ou belliqueuse ou tendre,
Maîtrisoit le génie et l'ame d'Alexandre,
Échauffoit ses transports, l'enivroit tour-à-tour,
140 De douleur, de plaisir, de vengeance et d'amour,
Lui faisoit à son gré prendre ou quitter les armes;
Pousser des cris de rage, ou répandre des larmes;
Rallumoit sa fureur contre Persépolis,
Ou le précipitoit sur le sein de Thaïs;
145 Puis-je croire son front, sans énergie,
De ces divers accens n'aidât point la magie?
Ses regards tour-à-tour altiers, sombres, touchans,
Peignoient les passions, mieux encor que ses chants:
Dans tous ses mouvemens respiroit le délire:
150 Son geste, son visage accompagnoit sa lyre;
Et de son action l'éloquente chaleur
Transmettoit à ses sons la flâme de son cœur.

L'organe le plus beau, privé de cette flame,
Forme un stérile bruit, qui ne va point à l'ame.

155 Que l'organe pourtant ne soit point négligé:
Cet utile ressort veut être dirigé;
La Nature le donne, et l'art sait le conduire,
L'affoiblir ou l'enfler, l'étendre ou le réduire.
Insinuant et doux, quand il faut demander;
160 Terrible et véhément, quand il faut commander;
Sourd dans le désespoir, sonore dans la joie,
Tantôt il se renferme et tantôt se déploie.
Le ton est tyrannique; il s'y faut asservir;
Mais les inflexions doivent vous obéir.

165 Selon que l'ame souffre ou que l'ame est contente,
 L'inflexion doit suivre, ou vive ou gémissante.
 Des sons autour de nous éclatent vainement;
 Leur plus douce magie est dans le sentiment:
 Le sentiment fait tout; c'est lui qui me réveille:
 170 Par lui, l'ame est admise au plaisir de l'oreille;
 Et je place l'Acteur, privé d'un si beau don,
 Au-dessous du fluteur, instruit par Vaucanson.

Notre goût, plus superbe avec plus de justesse,
 De nos récitatifs accuse la tristesse;
 175 Ces modulations, dont le refrain glacé
 Semble un hymne funébre au sommeil adressé.
 Le vrai récitatif, sans appareil frivole,
 Doit marcher, doit voler, ainsi que la parole.
 Pour lier l'action ce langage est formé,
 180 Et veut être chanté, bien moins que déclamé.
 Pourquoi donc tous ces cris, ces inflexions lourdes,
 Ces accens prolongés sur des syllabes sourdes,
 Ces froids glapissements, qu'on se plaît à filer?
 Cessez de m'étourdir, quand il faut me parler.

185 Quittez cet attirail, cette insipide emphase,
 L'écueil de notre chant, loin d'en être la base;
 Et ne vous piquez plus du fol entêtement
 D'endormir le Public mélodieusement.
 Vous pouvez, croyez-moi, sans que l'on en murmure,
 190 Presser, lorsqu'il le faut, et hâter la mesure.¹

Loin de moi le Chanteur, qui, jaloux d'un beau son,
 Est fidèle à la notte, en choquant la raison.
 La célèbre le Maure, honneur de votre Scène,
 Asservissoit Euterpe aux loix de Melpomène.

¹ Il falloit bien que cela fût autrefois; on le prouve par la durée des Opéra de Lulli, beaucoup plus grandes aujourd'hui, que de son temps. M. Rousseau appuye ce sentiment dans sa Lettre sur la Musique Française.

195 Elle phrasoit son chant, sans jamais le charger;
Ce qui languissoit trop, elle osoit l'abrèger.
Ce long récitatif, où l'Auditeur sommeille,
Fixoit l'esprit alors, en caressant l'oreille;
Et le Drame lyrique, aujourd'hui si traînant,
200 Avec légèreté marchoit au dénouement.

Réservez, réservez la pompe musicale,
Pour ces morceaux marqués, où l'organe s'étale,
Où l'ame enfin s'échappe en sons plus véhémens,
Et donne un libre essor à tous ses sentimens.
205 Que vos inflexions soient alors soutenues;
Laissez-les expirer en de longues tenues;
Prodiguez le point d'orgue et les coups de gosier;
Le Public les exige, et va s'extasier;
Mais dans tous ces détours d'un Dédale perfide,
210 Que le motif de l'air soit toujours votre guide.
C'est ainsi qu'un Sculpteur, à qui l'art est connu,
Sous le voile toujours fait soupçonner le nû.

Dans ce fracas lyrique, et ce brillant délire,
Par un maintien forcé n'apprêtez point à rire.
215 Craignez de vous borner à des sons éclatans;
Et gardez que vos bras, suspendus trop long temps,
Comme deux contrepoids qu'en l'air un fil balance,
Attendent, pour tomber, la fin d'une cadence.

Sans doute par le chant vous devez nous charmer:
220 Mais c'est au jeu surtout que je veux vous former.

Toi, qui veux t'emparer des rôles à baguette,
Si tu n'as pour talent qu'une audace indiscrete;
Pourras-tu, l'œil en feu, bouleverser les airs,
Faire pâlir Hécate, enfler le sein des mers,
225 Et perçant de Pluton le ténébreux domaine,
À tes Dragons ailés parler en Souveraine?
Tes yeux me peindront-ils la rage et la douleur?
Pour évoquer l'Enfer, il faut de la chaleur.
Ne va point imiter ces Sorcières obscures,

230 Qui n'ont rien d'infernal, si ce n'est leurs figures,
 Menacent sans fureur, s'agitent sans transport,
 Et dont le moindre geste est un pénible effort.
 Sisyphe, à leur aspect, est transit et succombe:
 De ses doigts engourdis sa roche échappe, tombe:
 235 Et l'ardent Ixion, surpris de frissonner,
 Sur son axe immobile a cessé de tourner.

Il faut que, dans son jeu, la redoutable Armide
 M'attendrisse à la fois, m'échauffe et m'intimide.

Dans ces rians Jardins Renaud est endormi.
 240 Ce n'est plus ce guerrier, ce superbe ennemi,
 Ombragé d'un panache et caché sous des armes;
 C'est Adonis qui dort, protégé par ses charmes.
 Armide l'aperçoit, jette un cri de fureur,
 S'élançe, va percer son inflexible cœur.
 245 Ô changement soudain, elle tremble, soupire,
 Plaint ce jeune Héros, le contemple et l'admire.
 Trois fois, prêt à frapper, son bras s'est ranimé,
 Et son bras par ses yeux est trois fois désarmé.
 Son courroux va renaître et va mourir encore:
 250 Elle vole à Renaud, le menace, l'adore,
 Laisse aller son poignard, le reprend tour-à-tour;
 Et ses derniers transports sont des transports d'amour.

Que ces emportemens sont mêlés de tendresse!
 Quel contraste frappant de force et de foiblesse!
 255 Que de soupirs brûlans! que de secrets combats!
 Que de cris et d'accens, qui ne se notent pas!
 À l'ame seule alors il faut que j'applaudisse:
 La Chanteuse s'éclipse, et fait place à l'Actrice.
 N'allez point vous piquer d'un froid compartiment:
 260 Marquez, marquez au ton plutôt qu'au sentiment:
 Ne vous amusez point à perler des cadences,
 Aux éclats ménagés joignez les réticences.
 L'Orchestre en vain prétend gouverner votre voix:
 La Nature vous parle, il faut suivre ses loix.
 265 Que m'importe, en voyant votre douleur profonde,

Si vous avez omis la valeur d'une ronde?
Il échappe souvent des sons à la douleur,
Qui sont faux à l'oreille et sont vrais pour le cœur.

270 Quand de Psyché, mourante au milieu de l'orage,
Arnould les yeux en pleurs me vient offrir l'image,
Et frémit sous la nue, où brillent mille éclairs,
Puis-je entendre sa voix, dans le fracas des airs?
J'aime à voir son effroi, lorsque la foudre gronde,
Et ses regards errans sur les gouffres de l'Onde,
275 Ses sons plaintifs et sourds me pénètrent d'horreur;
Et son silence même ajoute à ma terreur.
Grace à l'illusion, je sens trembler la Terre;
Cet airain, en roulant, me semble un vrai tonnerre:
Ces flots que l'Art soulève et sait assujettir,
280 Sont des flots écumans tout prêts à l'engloutir;
Et, lorsque le flambeau des pâles Euménides
Éclaire son désordre et ses graces timides,
J'éprouve sa frayeur, je frissonne, et je croi
Entendre tout l'Enfer rugir autour de moi.

285 Telle est du grand talent la puissante féerie:
Il rend tout vraisemblable, il donne à tout la vie;
Il embrase la Scène, et, pour donner des loix,
À peine a-t-il besoin du secours de la voix.

290 Comment à ces effets pourroit oser prétendre
Celle qui, par moments, intéressante et tendre,
Sensible par corvée, et folle par état,
Quand son air est chanté, sourit au premier Fat,
Provoque les regards, va mendier l'éloge
De ce jeune Amateur endormi dans sa loge;
295 Et, le cœur gros encor, l'œil de larmes trempé,
Arrange, en minaudant, tout le plan d'un soupé?

Que jamais votre esprit ne soit hors de la Scène;
Que votre œil au hazard jamais ne se promene;
Oubliez des balcons ces muets entretiens;
300 Vos regards sont distraits, ils détournent les miens.

Puis-je être intéressé, quand vous cessez de l'être?
Et sans un froid mortel puis-je voir reparoître
L'Automate chantant, dont les yeux libertins
Sont en correspondance avec tous leurs voisins?

- 305 Mais vous qui, dans nos chœurs prétendus harmoniques,
Venez nous étaler vos masses organiques,
Et circulairement rangés en espalier,
Detonnez de concert pour mieux nous ennuyer;
Vous verrai-je toujours, l'esprit et le couer vuides,
310 Hurlant, les bras croisés, vos refrains insipides?
Vous est-il défendu de peindre dans vos yeux,
Ou la tristesse sombre ou les folâtres jeux?
Pour célébrer Vénus, Cérès, Flore et Pomone,
Lorsque le tambourin autour de vous résonne;
315 Sous des berceaux de fleurs lorsque d'heureux Amans
Entrelacent leur chiffre, et gravent leurs sermens;
Ou que l'ardent vainqueur de l'Indus et du Gange,
Une coupe à la main, préside à la vendange;
Quand tout est rayonnant du feu de la gaité,
320 De quel œil soutenir votre immobilité?
Vouz gâtez le tableau qui par vous se partage.
De grace, criez moins, et sentez davantage;
Et que l'on puisse enfin sur vos fronts animés,
Trouver le sens des vers, para la voix exprimés...
- 325 La Scène s'embellit: sur des bords solitaires,
Je vois se réunir des groupes de Bergères.
Des Bergers amoureux ont volé sur leurs pas;
Apollon les appelle à d'aimables combats.
Des guirlandes de fleurs ont paré ces musettes;
330 Cent touffes de rubans décorent ces houlettes:
Déjà de l'art du chant on dispute le prix.
Les Juges sont Eglé, Silvanire, Cloris;
C'est dans leurs jeunes mains que brille la couronne;
C'est le goût qui l'obtient, et l'amour qui la donne.
- 335 Le goût seul dans ce genre assure vos succès;
Ou Nymphes ou Bergers, vous ne plairez jamais,

Sans ce tact délicat, cette subtile flâme,
Mystère pour l'esprit et délices de l'ame.

340 Tu lui dois ton génie, ô toi, Chantre adoré,
Toi, moderne Linus, par lui même inspiré.
Que j'aimois de tes sons l'heureuse symétrie,
Leur accord, leur divorce et leur économie!
Organe de l'Amour auprès de la Beauté,
Tu versois dans les cœurs la tendre volupté.
345 L'Amante en vain s'armoit d'un orgueil inflexible:
Elle courroit t'entendre et revenoit sensible.
Plus d'une fois, le Dieu que préside aux saisons,
Qui fait verdier les près, et jaunir les moissons,
Las du céleste ennui, jaloux de nos hommages,
350 Sous les traits d'un Berger parut dans nos bocages:
Sous ces humbles dehors, heureux et caressé,
Il retrouva les Cieux dans les regards d'Issé;
Et, goûtant de deux cœurs la douce sympathie,
Fut, Dieu plus que jamais, dans les bras de Clithie.
355 C'est lui sans doute encor qui vient, changeant d'Autels,
Amuser, sous tes traits, et charmer les Mortels.

Vous, qui voulez sortir de la foule profane,
Comme lui cultivez et domptez votre organe.
Corrigez-en les tons aigres, pesans ou faux;
360 En graces, comme lui, transformez vos défauts.

Prétendez-vous m'offrir le lever de l'Aurore?
Que votre foible voix par degré semble éclore;
Et, soudain déployée en sons vifs et brillans,
Me retrace du jour les feux étincelans:
365 De l'Amour qui gémit qu'elle exprime les peines,
Se joue avec ses traits et roule avec ses chaînes.
Peignez-vous un ruisseau? que vos sons amoureux
Coulent avec ses flots, et murmurent comme eux.

Répandez sur vos tons une aimable mollesse:
370 D'un organe d'airain soumettre la rudesse
À chanter les plaisirs et les ris ingénus,
C'est donner à Vulcain l'écharpe de Vénus.
Tel Acteur s'applaudit et se croit sûr de plaire,

Qui, d'une voix tonnante, aborde une Bergère.
 375 À peine dans son Art il est initié;
 Et c'est en mugissant qu'il me peint l'amitié.
 Mettez dans votre chant d'insensibles nuances;
 Des airs lents ou pressés marquez les différences.
 Ce passage est frappant et veut de la vigueur:
 380 Là, que l'inflexion expire avec langueur;
 Et que par le succès votre voix enhardie
 Ajoute, s'il se peut, à notre mélodie.

Divine mélodie, ame de l'Univers,
 De tes attraits sacrés viens embellir mes vers.
 385 Tout ressent ton pouvoir. Sur les mers inconstantes
 Tu retiens l'Aquilon dans les voiles flottantes.
 Tu ravis, tu soumets les habitans des eaux;
 Et ces hôtes ailés qui peuplent nos berceaux.
 L'Amphion des forêts, tandis que tout sommeille,
 390 Prolonge en ton honneur son amoureuse veille;
 Et seul, sur un rameau, dans le calme des nuits,
 Il aime à moduler ses douloureux ennuis.
 Tes loix ont adouci les mœurs les plus sauvages;
 Quel antre inhabité, quels horribles rivages
 395 N'ont pas été frappés par d'agréables sons?
 Le plus barbare écho répéta des chansons.
 Dès qu'il entend frémir la trompette guerrière,
 Le Coursier inquiet lève sa tête altière,
 Hennit, blanchit le mors, dresse ses crins mouvans,
 400 Et s'élançe aux combats, plus léger que les vents.
 De l'homme infortuné tu suspends la misère,
 Rends le travail facile et la peine légère.
 Que font tant de Mortels en proie aux noirs chagrins,
 Et que le Ciel condamne à souffrir nos dédains?
 405 Le moissonneur actif que le Soleil dévore;
 Le Berger dans la plaine errant avant l'Aurore?
 Que fait le forgeron soulevant ses marteaux;
 Le vigneron brûlé sur ses ardens côteaux;
 Le captif dans les fers, le nautonnier sur l'onde;
 410 L'esclave enseveli dans la mine profonde;
 Le timide indigent dans son obscur réduit?
 Ils chantent: l'heure vole, et la douleur s'enfuit.

Jeune et timide Amant, toi qui, dans ton ivresse,
N'as pû fléchir encor ton injuste maîtresse;
415 Dans le mois qui nourrit nos frêles rejettons,
Et voit poindre les fleurs à travers leurs boutons;
Sur la Scène des champs n'oses-tu la conduire?
La Nature est si belle à son premier sourire!
Laisse errer ses regards sur ces riches tableaux,
420 Sur l'émail des vallons, et l'argent des ruisseaux:
Dans cet enchantement, que sa main se repose
Sur ce frais velouté qui décore la rose;
Qu'elle puisse, à longs traits, en respirer l'odeur;
Le plaisir de ses sens va passer dans son cœur;
425 Si de tous ces attraits elle osoit se défendre,
Joins-y la volupté d'un chant flexible et tendre;
Tu l'entendras bientôt en secret soupiner...
Et je laisse à l'Amour le soin de t'éclairer.
Sous les traits de Lani Terpsicore s'avance:
430 D'Euterpe aimable sœur, comme Euterpe on l'encense;
Et, mariant sa marche au son des instruments,
Elle a le même Trône, et les mêmes Amans.
L'illusion^{II} la fuit; éloquente et muette,
Elle est des passions la mobile interprète:
435 Elle parle à mon ame, elle parle à mes sens;
Et je vois dans ses jeux des tableaux agissans.
Le voile ingénieux de ses allégories
Cache des vérités par ce voile embellies.
Rivale de l'histoire, elle raconte aux yeux:
440 Je revois les Amours, les faits de nos Ayeux.
Elle sait m'inspirer leur belliqueuse ivresse,
J'admire leurs exploits, et je plains leur foiblesse.

A ses lauriens brillans voulez-vous avoir part?
Aux talents naturels joignez l'étude et l'art.

^I La partie des Ballets, que je n'ai fait qu'effleurer, pourroit fournir un quatrième Chant très-neuf et très-agréable; mais il faut pour cette entreprise des connoissances que je n'ai pas.

445 Que toujours votre danse exprime un caractère:
Qu'elle soit, tour-à-tour, tendre, vive ou légère.
M'offrez-vous Alecton, secouant ses flambeaux?
Élancez-vous par bands; que vos pas inégaux,
Égarés, incertains, nous annoncent la rage,
450 Le tumulte de l'ame et la soif du carnage.
Là, par des mouvements souples et négligés,
Par des balancements avec art prolongés,
Peignez-moi les langueurs de la douce molesse.
N'allez point par des fauts fatiguer sa paresse.
455 Ici, comme Guimard, devancez les zéphirs;
Et que vos pas brillans soient le vol des plaisirs.

Nous représentez-vous quelques danses rustiques;
Que vos agiles bonds ne soient point symétriques;
De la Nature seule empruntez votre feu:
460 La danse d'un Berger n'est pas celle d'un Dieu.
Par des pas trop lascifs n'offendez point la vue;
Vénus même déplaît, alors qu'elle est trop nue.
Enlacez-vous vos bras autour de votre Amant?
N'allez point, sans pudeur, à nos yeux vous pâmant,
465 Outrager la décence et, Sirène muette
Proposer au Public un bonheur qu'il rejette.

Pour illustrer votre Art, respectez, dans vos Jeux,
Le Palais des Héros, et le Temple des Dieux.
Du Trône où siège Euterpe, il ne faut point descendre.
470 Sans indignation, puis-je voir, puis-je entendre
Naziller Arlequin, grimacer Pantalon,
Où tonnoit Jupiter, où chantoit Apollon?

En secret indigné que sa Scène avilie
Se fût prostituée aux Bouffons d'Italie;
475 Que le François, trompé par un charme nouveau,
Eût pour leurs vains fredons abandonné Rameau,

Ce Dieu voulut punir ce transport idolâtre;
Et, chargeant d'un carquois ses épaules d'albâtre,
Les yeux étincelans, la fureur dans le sein,
480 Aux antres de Lemnos il descend chez Vulcain.
L'Immortel, tout noirci de feux et de fumée,
Attisoit de ses mains sa fournaise allumée;
Mais il ne forgeoit plus ces instrumens guerriers,
Ces tonnerres de Mars, ces vastes boucliers,
485 Où l'air semble fluide, où l'onde dans sa sphère
Coule, et sert mollement de ceinture à la Terre.
L'enclume retentit sous de plus doux travaux;
Il y frappe des dards pour l'enfant de Paphos.
«Vulcain, dit Apollon, on profane mon culte;
490 «Sur mes autels souillés chaque jour on m'insulte.
«Venge-moi.[>] Tout-à-coup dans les bruyans fourneaux
Des cyclopes ailés allument cent flambeaux.
Ils volent, et déjà leur cohorte enhardie
Sur les faîtes du Temple a lancé l'incendie.
495 Le croissant de Phébé; la conque de Cypris,
La guirlande de Flore et l'arc brillant d'Iris;
Des Champs Elisiens l'immortelle parure,
Les Zéphirs, les Ruisseaux, les Fleurs et la Verdure,
Les superbes Forêts, les rapides Torrens,
500 Du Souverain des Mers les Palais transparens,
Hélas! tout est détruit! on parcourt les ruines:
Là dantoient les Plaisirs et les Graces badines:
Allard, aussi légère avec autant d'appas,
Formoit, en se jouant, un dédale de pas.
505 Ici l'aimable Arnould exerçoit son empire,
Et nous intéressoit aux pleurs de Téléaire.

Euterpe cependant, pour nous dicter ses loix,
Trouve un asyle heureux, dans le Palais des Roits.
Rameau, le sceptre en main, éclipse Pergolèse:
510 Le Goût a reparu: le Dieu du Jour s'appaise;

Et son ressentiment nous subsisteroit encor,
Si la Scène à nos yeux n'eût remontré Castor.
3. Confronto da versão de Basílio da Gama com o original de Dorat

A Declamação Lírica

Imitação livre de Mr. Dorat

À S. L ***

Lisboa

1773

Desce dos Céus, ó sábia Polimnia,
Vem abrir-me os tesoiros da Harmonia.
Ouve as músicas aves, que me ajudam
E sua Deusa em coro te saúdam.
5 Mais suave se queixa a fonte pura,
Mais brandamente o Zéfiro murmura.
Lembram-se as flautas do que foram dantes
E falam entre os dedos dos amantes.
O arbusto geme, a gruta o eco entoa.
10 Vai fugindo a palavra e ao longe soa.
No honesto d'alma encantador recreio,
A música dos Céus ouvir eu creio.
A mesma Terra canta, o ar responde.
Vão as Estrelas, sem saber por onde,
15 E arrebatadas por ocultas rodas,
Não se encontram jamais, girando todas.
Parece oposição e é simpatia;
Nenhuma parte da outra se desvia.
Rege o grande concerto o teu estudo,
20 Bem digno do imortal Autor de tudo.

Digna-te de habitar os mortais peitos,
Vem dar à melodia os seus preceitos.
Orna a Lírica cena de figuras,
Descobre as suas mágicas pinturas.
25 Ensina como pôe o Canto em calma
Pelos ouvidos as potências da alma.
Guia, que eu já te sigo; e o verso ordena.

Ó tu que aspiras a calcar a cena,

30 Foge, se não tens oiro nos cabelos,
Branca mão, linda boca e olhos belos.
Claude Joseph Dorat

La Déclamation Théâtrale, Poème didactique en trois chants, précédé d'un discours

L'Opéra

Chant Troisième

1 Descends, viens m'inspirer savante [Polymnie,
2 Viens m'ouvrir les trésors de l'auguste harmonie.
3 Tu m'exauces: déjà tous les Chantres des bois,
4 Te saluant en chœur, accompagnent ma voix.
5 L'Onde de ces ruisseaux plus doucement murmure:
6 Zéphir plus mollement frémit sous la verdure.
7 Les Roseaux de Syrinx, changés en Instrument,
8 Vont moduler des airs sous les doigts d'un Amant.
9 Cet arbuste est plaintif, cette grotte sonore:
10 La parole n'est plus, et retentit encore.
11 Dans le calme enchanteur d'un loisir studieux,
12 Ô Déesse, j'entends la Musique des Cieux,
13 La Terre a ses accens, et les airs lui répondent:
14 Les Astres dans leur cours jamais ne se confondent.
15 Les Mondes, entraînés par leurs ressorts secrets,
16 Toujours en mouvement, ne se heurtent jamais.
17 Paroissant opposés, ils ont leur sympathie:
18 Dans l'accord général, chacun a sa partie;
19 Et les Etres entr'eux, par ton art créateur,
20 Forment un grand concert, digne de leur Auteur.

21 Mais daigne enfin, quittant cette sphère hardie,
22 Assigner des leçons à notre mélodie.
23 De la Scène lyrique, objet de mes travaux,
24 Étale à mes regards les magiques tableaux.
25 Dis-moi par quels secours, le chant plein de ta flâme,
26 Peut s'ouvrir par l'oreille un chemin jusqu'à l'ame;

29 Vous qui sur ce Théâtre osez vous produire,

30 Reçutes-vous des traits assortis pour séduire?
31 N'allez point, sur la Scène usurpant un Autel,

Deusas povoam o lugar que pisas.
Daqui escolhe o Amor Sacerdotisas.
Louvará minha Musa lisonjeira
Quem a Vénus empresta a cor trigueira
35 E num carro por cisnes no ar erguido
Vai assustar o habitador de Gnido,
Buscando pelas sombras do arvoredo
Amor, que ao ver a Mãe, fugiu de medo?

Não veja eu nunca Flora sem que veja
40 Que Zéfiro me faz morrer de inveja.
A boca, rindo, seja mais formosa
Do que esses que ela traz botões de rosa.
E seja a Aurora, para ser amada,
Mais bela do que a bela madrugada.

Seja o modo de andar, seja a estatura
45 Própria daquele de quem sois figura.
Alto Colosso, tu, por mais que faças,
Nunca podes fingir uma das Graças;
Nem Palas fingir pode uma criança.
50 A Palas não lhe basta o escudo e a lança.
Não diz o orgulho, que essas faces cora,
Com a simplicidade de Pastora.

Dai, com o tom que for mais oportuno,
A Diana rigor, cólera a Juno.

55 A cena com espíritos guerreiros
Ressuscita os antigos Cavaleiros,
Fantásticos Heróis, loucos errantes;
Se os quereis imitar, sede Gigantes.
Amadis dessa idade é muito cedo;
60 Eu quero um Amadis que faça medo.

Quando volta as raízes para o vento,
Aos Carvalhos do bosque ornamento,
Orlando, na figura e na grandeza,
Orne a Arte c'os dons da Natureza.
65 Pois, se não corresponde à nossa ideia

Nem finge, nem engana, nem recreia,
Busco Orlando, e em lugar de Orlando eu acho

32 Y faire huer un Dieu sous les traits d'un Mortel.
33 Le monde où vous entrez est peuplé de Déesses:
34 L'Amour, en folâtrant, y choisit ses Prêtresses.
35 Avec des traits flétris, un teint jaune et plombé,
36 Pourrez-vous, sans rougir, prendre le nom d'Hébé?
37 D'un œil indifférent verrai-je une mulâtre
38 Appliquer à Vénus sa couleur olivâtre;
39 Dans un char transparent, par des Cignes traîné,
40 Fendre les airs, aux yeux de Paphos étonné;
41 Et rappeler en vain cet enfant volontaire,
42 Qui s'est allé cacher à l'aspect de sa mère?

43 Que Flore, à mes regards n'ose jamais s'offrir,
44 Sans me faire envier le bonheur de Zéphir:
45 Sa bouche, au doux souris, doit être aussi vermeille,
46 Que les boutons de rose, épars dans sa corbeille.
47 L'Amante de Titon, pour fixer nos amours,
48 Doit avoir la fraîcheur du matin des beaux jours;

51 Que la taille et le port soient toujours adaptés
52 Aux rôles différens que vous représentez.
53 Des Colosses hautains, dont l'Amour fuit les traces
54 Pourront-ils badiner sous le corset des Graces?
55 La Naine pourra-t-elle, avec l'air enfantin,
56 Me retracer Pallas, une lance à la main;
57 Et l'orgueil menaçant d'une Reine en colère
58 Conviendra-t-il au front d'une simple Bergère?

59 Sachez, quand il le faut, varier votre ton
60 Sévère dans Diane, emporté dans Junon.

61 Vous surtout qui voulez, dans vos fureurs lyriques,
62 Ressusciter pour nous ces Paladins antiques,
63 Tous ces illustres fous, ces Héros fabuleux;
64 Soyez, à nos regards, gigantesques comme eux.
65 C'est peu de m'étaler une jeunesse aimable,
66 Je hais un Amadis, s'il n'est point formidable.

67 Quand Roland déracine en ses fougueux accès,
68 Ces chênes orgueilleux, ornemens des forêts,
69 Je veux que, déployant une haute stature,
70 Il enrichisse l'art des dons de la Nature:
71 S'il n'en impose point à l'œil du Spectateur,

72 Si je ne confonds point le modèle et l'Acteur,
73 D'un tableau sans effet bientôt je me détache;
Um Herói meio Herói, meio penacho,
Que apenas pode, quando o siso perde,
70 Arrancar papelões tintos de verde.
Em vão se cobre de elmo e de coiraça.
Rio-me do Pigmeu que me ameça.

Só a Reção encanta e persuade.
Quer-se no fingimento ar de verdade.

75 Conforme o tom da voz, ensine a Arte
Se deveis ser Adónis ou ser Marte.
Um metal de voz doce é importuno
Na boca de Tritão ou de Neptuno.
Assim cantam no bosque as Divindades;
80 Fala-se noutro tom às Tempestades.
Tapam co'as mãos os Ventos os ouvidos
E não se hão-de enfrear com sustenidos.
Jove, que o claro Olimpo senhoreia,
Se veria insultado da plateia
85 Se viesse de nuvens rodeado
Intimar em falsete ordens do Fado.

Porém não basta a voz nem a figura
Para aperfeiçoar[d]jes a impostura,
Se falta das acções a propriedade
90 Que transforma a ilusão em realidade.
Mui rijo aquele braço vai girando.
Deve ser este músculo mais brando.
Merece estudo vagaroso e lento
Cada postura, cada movimento.

95 A Natureza ornada é mais amena.
Aprende a desenhar-te sobre a cena.

A ilustre Arte de Apeles, muda escola,
Todos os seus tesoiros desenrola;
E nos mostra os semblantes e a figura
100 Dos Heróis que revivem na pintura.

Observa que paixão nesta pessoa
Que fere a terra e os Céus amaldiçoa!
Vê um que rodeado de desgosto
Banha com tristes lágrimas o rosto.
105 Aquele ama ofendido e agrava e adora.

Foi Pai e não é Pai, este que chora.

74 Je ne vois qu'un enfant, caché sous un panache:
75 Et dont le foible bras, jouant de l'esponçon,
76 Renverse, avec fracas, des arbres de carton.
77 En vain son œil menace, et sa main est armée;
78 Je cherche le Héros, et je ris du Pygmée.

79 Par la seule raison mon esprit enchanté,
80 Cherche dans le prestige un air de vérité.

81 Pour nous rendre les traits d'Adonis ou d'Alcide,
82 Le genre de vos voix peut vous servir de guide.
83 Des sons frêles et doux seroient choquans et faux,
84 Dans la bouche du Dieu qui régné sur les flots.
85 Ces organes sont faits pour briller dans des fêtes.
86 C'est d'un ton foudroyant que l'on parle aux tempêtes.
87 Quand les vents déchaînés mugissent une fois,
88 Ils ne s'apaisent point avec des ports de voix;
89 Et Jupiter lui-même, armé de son tonnerre,
90 Se verroit, dans sa gloire, insulté du Parterre,
91 S'il venoit, s'annonçant par un timbre argentin,
92 Prononcer en fausset les arrêts du destin.

93 Mais c'est peu de la voix, c'est peu de la figure,
94 Si vous ignorez l'art d'achever l'imposture;
95 De parer ces présens, d'y joindre l'action,
96 Et cette vérité, d'où nait l'illusion.
97 Dans ce ressort trop dur mettez plus de mollesse:
98 Ces muscles trop tendus ont besoin de souplesse;
101 Faites-vous, il le faut, une secrète étude,
102 De chaque mouvement et de chaque attitude.

103 Instruits par la Nature, apprenez à l'orner.
104 Sur le Théâtre enfin sachez vous dessiner.

107 Prête à favoriser vos utiles efforts,
108 La Peinture a pour vous déroulé ses trésors.
109 Des grands Maîtres de l'art consultez les ouvrages:
110 Voyez-y nos Héros vivre dans leurs images.

111 L'un, pâlisant de rage, arrachant ses cheveux,
112 Semble frapper la terre, et maudire les Cieux:
113 L'autre, plus recueilli dans ses sombres allarmes,
114 De son œil consterné laisse tomber des larmes.
115 Ici, c'est un Amant, vengeant ses feux trahis:

116 Là, c'est un Père en pleurs, qui reclame son fils.

Olha, bem que se vê que a ira encobre,
A cólera de Aquiles quanto é nobre!
Ah, quanto tem no rosto de violento!
110 Cada fibra lhe exprime um sentimento.
Vê Marte, que parece que respira;
Vénus lhe infunde amor, lhe despe a ira;
Dos braços de alabastro busca o enleio.
Lânguido o rosto no nevado seio
115 Cuida que extingue a chama e mais a acende.
Da amada boca a sua boca pende;
E os termos olhos no inflamado rosto
Estão nadando em lágrimas de gosto.

120 Consulta de Rubens a mão e a tinta.
Mais agrada o Actor que melhor pinta.

Quando o famoso Músico exercia
O poder soberano da Harmonia
E ao som das cordas de oiro que tocava
O génio de Alexandre dominava,
125 Fazendo que se lesse no seu rosto
Ou vingança, ou amor, ou mágoa, ou gosto,
De ardor contra Persépolis o enchia
Ou no seio de Taís o entorpecia,
O Orfeu, ora suave, ora violento,
130 Não ajudava o mágico instrumento?

Os olhos do Cantor, cheios de espanto,
Pintavam as paixões melhor que o canto.
A agitação era a de quem delira.
O gesto acompanhava o som da Lira.
135 E a acção, que a tudo o mais levava a palma,
Comunicava à voz o fogo da alma.

Tu, que a varinha mágica sacodes,
Se não tens mais do que ternura, podes
Co'a irada mão cobrir de luto os ares,
140 Deter a Lua e inchar o seio aos mares?
Baixar sem susto às tenebrosas casas
E pôr o freio aos teus dragões com asas?
Quer-se raiva e furor, não rosto terno;
Quer-se valor para invocar o inferno.

- 145 Nosso gosto soberbo e delicado
 Já não sofre o comprido recitado
- 117 Dans sa noble fureur, voyez comment Achille
118 Est fier et menaçant, quoiqu'il reste immobile:
119 Quelle ame dans ce calme, et quel emportement!
120 Chaque fibre, à mes yeux, exprime un sentiment.
121 Mars auprès de Vénus cherche en vain son audace:
122 La Fureur disparoît, et l'Amour la remplace.
123 Entre des bras d'albâtre, à tout moment, pressé,
124 Sur le sein qu'il caresse il languit renversé;
125 Son regard est brûlant, son ame est éperdue:
126 Aux lèvres de Cypris sa bouche est suspendue;
127 Et de son œil guerrier, où brillent les desirs,
128 Coulent ces pleurs si doux, que l'on doit aux plaisirs.
- 131 C'est, quand l'Acteur peint bien, que nous l'applaudissons.
132 Raphaël et Rubens vous traçoient des leçons;
- 135 Lorsqu'un Chantre fameux, une lyre à la main,
136 Déploit des accords le pouvoir souverain,
137 Et, par une harmonie ou belliqueuse ou tendre,
138 Maîtrisoit le génie et l'ame d'Alexandre,
139 Échauffoit ses transports, l'environnoit tour-à-tour,
140 De douleur, de plaisir, de vengeance et d'amour,
143 Rallumoit sa fureur contre Persépolis,
144 Ou le précipitoit sur le sein de Thaïs;
145 Puis-je croire son front, sans énergie,
146 De ces divers accens n'aidât point la magie?
- 147 Ses regards tour-à-tour altiers, sombres, touchans,
148 Peignoient les passions, mieux encor que ses chants:
149 Dans tous ses mouvemens respiroit le délire:
150 Son geste, son visage accompagnoit sa lyre;
151 Et de son action l'éloquente chaleur
152 Transmettoit à ses sons la flâme de son cœur.
- 221 Toi, qui veux t'emparer des rôles à baguette,
222 Si tu n'as pour talent qu'une audace indiscrete;
223 Pourras-tu, l'œil en feu, bouleverser les airs,
224 Faire pâlir Hécate, enfler le sein des mers,
225 Et perçant de Pluton le ténébreux domaine,
226 À tes Dragons ailés parler en Souveraine?
227 Tes yeux me peindront-ils la rage et la douleur?
228 Pour évoquer l'Enfer, il faut de la chaleur.
- 173 Notre goût, plus superbe avec plus de justesse,

- 174 De nos récitatifs accuse la tristesse;
- Que sobre a cena, como no seu trono,
Parece um hino consagrado ao sono.
- 150 O recitado, a que a razão perdoa,
Deve voar como a palavra voa.
- Mas não é justo que meus versos leia
Quem te ouviu, Adriática Sereia.
Musas, vinde aprender de Alcina bela.
Correi a ouvi-la e ponde os olhos nela.
155 Antes de vê-la, eu mesmo não sabia
O mágico poder da Melodia.
- Ó Melodia, ó alma do Universo,
Com a tua doçura orna o meu verso.
Tu dominas na Terra e nas estrelas,
160 Reténs o ar nas flutuantes velas.
Tu amansas os mudos nadadores;
Fazes sonora a habitação das flores.
O Orfeu do bosque, ao resplendor da Lua,
Dobra a sua cantiga em honra tua;
165 E sozinho, nas noites mais serenas
Gosta de modular as suas penas.
De bárbaras regiões sem Leis nem Numes
Tu abrandas os ásperos costumes.
Nas grutas onde habita o horror e o espanto,
170 O eco mais tosco sabe o som do canto.
Se a canora trombeta à guerra o chama,
Ergue a cabeça e a clina ao ar derrama,
Rincha, espuma o belígero ginete;
E mais leve que os ventos arremete.
175 Contigo a nossa mágoa é mais serena;
Tornas doce o trabalho e leve a pena.
Que fazem tantos, ao seu fado presos,
Que o Céu condena a tolerar desprezos?
O Segador, que o Sol queima e devora,
180 O Pastor, que amanhece antes da Aurora,
O cativo, que arrasta os grilhões de aço,
O Ferreiro, abaixando e erguendo o braço,
O Marinheiro junto à praia infida,
O humilde escravo sepultado em vida,
185 O Mendigo embrulhado em roto manto,
Enganam o seu mal c'o doce canto.

175 Ces modulations, dont le refrain glacé
176 Semble un hymne funébre au sommeil adressé.

177 Le vrai récitatif, sans appareil frivole,
178 Doit marcher, doit voler, ainsi que la parole.

383 Divine mélodie, ame de l'Univers,
384 De tes attraits sacrés viens embellir mes vers.
385 Tout ressent ton pouvoir. Sur les mers inconstantes
386 Tu retiens l'Aquilon dans les voiles flottantes.
387 Tu ravis, tu soumets les habitans des eaux;
388 Et ces hôtes ailés qui peuplent nos berceaux.
389 L'Amphion des forêts, tandis que tout sommeille,
390 Prolonge en ton honneur son amoureuse veille;
391 Et seul, sur un rameau, dans le calme des nuits,
392 Il aime à moduler ses douloureux ennuis.
393 Tes loix ont adouci les mœurs les plus sauvages;
394 Quel antre inhabité, quels horribles rivages
395 N'ont pas été frappés par d'agréables sons?
396 Le plus barbare écho répéta des chansons.
397 Dès qu'il entend frémir la trompette guerrière,
398 Le Coursier inquiet lève sa tête altièrè,
399 Hennit, blanchit le mors, dresse ses crins mouvans,
400 Et s'élançe aux combats, plus léger que les vents.
401 De l'homme infortuné tu suspends la misère,
402 Rends le travail facile et la peine légère.
403 Que font tant de Mortels en proie aux noirs chagrins,
404 Et que le Ciel condamne à souffrir nos dédain's?
405 Le moissonneur actif que le Soleil dévore;
406 Le Berger dans la plaine errant avant l'Aurore?
407 Que fait le forgeron soulevant ses marteaux;
408 Le vigneron brûlé sur ses ardens côteaux;
409 Le captif dans les fers, le nautonnier sur l'onde;
410 L'esclave enseveli dans la mine profonde;
411 Le timide indigent dans son obscur réduit?
412 Ils chantent: l'heure vole, et la douleur s'enfuit.

Francisco Topa